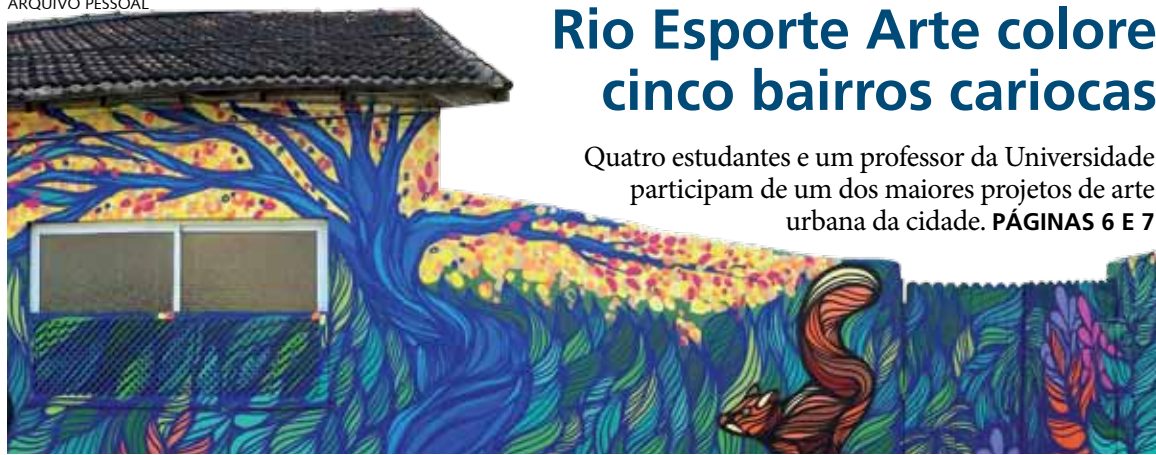




ARQUIVO PESSOAL



Rio Esporte Arte colore cinco bairros cariocas

Quatro estudantes e um professor da Universidade participam de um dos maiores projetos de arte urbana da cidade. **PÁGINAS 6 E 7**



'O Paraíso do Consumo' e a magia no ato de comprar

Baseado no romance *O Paraíso das Damas*, do realista francês Émile Zola, livro aborda o início dos grandes magazines e o fenômeno do consumo. **PÁGINA 9**

Infravermelho captado pelos olhos humanos

Aluno cria tecnologia que pode ser usada em visão noturna

Aluno de doutorado em Física pela PUC-Rio, Rian Aderne desenvolveu O *Transparent Organic Light up-Converter Device* (TOLCD). O dispositivo torna possível a

conversão de luz infravermelha para luz visível. O trabalho, uma parceria com a UFJF e o Empa, da Suíça, foi premiado em segundo lugar no congresso da Internatio-

nal Union of Material Research Societies, em Campinas, em setembro. Aderne foi orientado pelo professor Marco Cremona, do Departamento de Física. **PÁGINA 3**

Dedicação e pioneirismo na área da Informática

O Coordenador do Laboratório de Engenharia de Software, professor Carlos Lucena, é eleito para o Quadro de Membros Titulares da Academia Nacional de Engenharia (ANE). Em mais de 50 anos de atividades acadêmicas, ele participou da equipe que operou o primeiro computador da América Latina e hoje está no Programa Brasileiro de iOS, desenvolvido na Universidade. **PÁGINA 4**

Aplicativo para crianças diabéticas

Alunos de três cursos diferentes da PUC-Rio lançam aplicativo para crianças com diabetes em novembro. O projeto surgiu em programa de parceria entre a Universidade e a Apple. Com o game, a ideia é abordar a doença de forma leve. Com a proximidade do Dia Mundial do Diabetes, a equipe ressalta a importância de conscientizar sobre o tema. **PÁGINA 5**

CEZAR LOUREIRO/MPIX/CPB



Jornada em busca da superação

O ex-aluno de Engenharia Thomaz Matera e as estudantes Kahena Kunze, de Engenharia, e Maria Clara Lobo, de Comunicação Social, competiram nas Olimpíada e Paralímpia Rio 2016, em esportes aquáticos. Eles revelam como é a rotina de treinos e os desafios para poder conciliar o conteúdo das salas de aulas com a prática de exercícios físicos. Os três atletas ainda lembram da emoção de disputar uma medalha no próprio país. **PÁGINA 11**

Com apenas 60% da visão, Matera é atual recordista nos 100m livre na classe S12 da categoria masculina

Uma perspectiva globalizada

Alunos que fazem Intercâmbio Acadêmico ressaltam as vantagens de investir no estudo em um país estrangeiro. Para muitos, viver o dia a dia

de uma cultura diferente leva ao amadurecimento pessoal. E destacam ainda a qualidade da vida cultural das universidades (foto). **PÁGINA 8**

BRENO LOBATO



REITOR

O Reitor da PUC-Rio, padre Josafá Carlos de Siqueira, S.J., aborda sobre os extremismos que aumentam as divisões e não contribuem para o diálogo e o consenso do pluralismo de ideias e de opiniões do mundo contemporâneo. Para ele, é preciso mais compromisso com a verdade. **PÁGINA 2**

REITOR

Desafios contemporâneos



Vivemos em uma época de grandes desafios na sociedade e na Universidade, onde os processos de transformações são rápidos e preocupantes, atingindo esferas políticas, sociais, culturais, ambientais e éticas, exigindo, portanto, respostas e reflexões inteligentes e verdadeiras. Muitas destas mudanças atingem o mundo acadêmico mexendo às vezes com aquilo que é parte integrante e fundamental das universidades, como os princípios que regem os marcos referenciais, como a riqueza de seu pluralismo de ideias e de concepções, a sua liberdade de aprender, pesquisar, ensinar e divulgar o pensamento, e a sua busca da verdade através dos diferentes saberes científicos. (Marco Referencial da PUC-Rio, n.2).

Com o fascínio produzido pelo progresso da racionalidade tecnológica, que se de um lado trouxe enormes avanços para a sociedade e o mundo acadêmico, gerando e alimentando a inovação da mediação técnica, por outro, começa a apresentar preocupações com o uso da mesma para divulgar posições por vezes radicais que desafiam a razão e a veracidade dos fatos. Tratam-se de extremismos que aumentam as divisões, e não contribuem para o diálogo e o consenso do

pluralismo de ideias e opiniões do mundo contemporâneo. O educador, além de suscitar nos educandos as suas potencialidades, e ajudar nas hermenêuticas daquilo que se encontra disponível nos meios de comunicação, sobretudo pelas vias eletrônicas, tem agora que administrar a sua criatividade metodológica e o modo de expor o seu saber científico acumulado, uma vez que algumas redes sociais exercem por vezes mecanismo de controle de seus conteúdos e comportamentos em sala de aula, correndo o perigo da exposição pública do nome do educador, até mesmo em razão de um pequeno comentário ou de uma brincadeira humorada que exageradamente pode lhe imputar danos morais. Se a virtude da prudência é necessária, também é prioritário saber conviver com as diferenças de forma respeitosa e dialogal.

Além desses cuidados nos próprios espaços de liberdade no campus universitário e em salas de aula, a Universidade hoje tem que lutar contra a irracionalidade de argumentos e a falta de verdade de pessoas que vivem fora do meio acadêmico, postando e divulgando imagens e mensagens contrárias ao espírito de liberdade, pluralismo, tolerância e autonomia da Instituição de ensino superior.

■ PE. JOSAFÁ CARLOS DE SIQUEIRA, S.J.
REITOR DA PUC-RIO

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS ALUNOS DA PUC-RIO

Discernimento

No mês de outubro tivemos as eleições municipais. No Rio de Janeiro em dois turnos. Cada um votou segundo a sua consciência e suas opções políticas e partidárias. A PUC como tal não tem preferências puramente políticas, nem menos ainda partidárias e, portanto, não orientou nem seus alunos, nem os seus professores, funcionários e antigos alunos, sobre em que partido ou candidato deveriam votar e respeita as suas escolhas. Porém, a PUC como universidade de inspiração cristã e católica e, em particular, confiada aos cuidados da Companhia de Jesus, dos jesuítas, espera que os que estão de algum modo com ela relacionados tenham votado de acordo com o discernimento

to, à luz dos princípios e valores que a inspiram. Esse termo, “discernimento” é muito usado por Inácio de Loyola, fundador da Companhia de Jesus, sobretudo no seu livrinho dos “Exercícios Espirituais”, quando se trata de tomar decisões importantes nas nossas vidas. Por isso esse termo adquire especial significado na PUC-Rio confiada aos jesuítas, não simplesmente em relação às eleições, mas, em geral, em relação a todas as importantes decisões que devamos tomar.

Não se trata evidentemente de qualquer discernimento, mas de um discernimento realizado, não apenas em função das nossas necessidades aqui e agora, mas à luz e em função dos

valores e princípios que a nossa fé supõe. Isto é, de uma fé que, além de fidelidade à verdade, exige, sobretudo, amor e de um amor cuja primeira exigência é a justiça, particularmente em relação com aqueles e aquelas que mais precisam desse amor e dessa justiça. Em todas as nossas importantes decisões, além de aspectos de âmbito puramente pessoal ou familiar, nunca deveríamos esquecer o impacto que elas possam ter, direta ou indiretamente, naqueles que, no nosso entorno, na nossa cidade ou no nosso país, mais precisam de amor e de ajuda.

■ FRANCISCO IVERN, S.J.
VICE-REITOR DA PUC-RIO

CRÔNICAS DE MEMÓRIA

250 anos de PUC-Rio

José Pain, memórias “na correria”

FOTÓGRAFO DESCONHECIDO/ACERVO PARTICULAR



Times de futebol de salão com professores e funcionários no antigo ginásio. Pain é o segundo agachado, da esquerda para a direita (1971)

Ao reconstruir nossas lembranças no presente, deixamos lacunas e exaltamos momentos marcantes. José Pain cria uma suave narrativa ao tecer suas memórias entrelaçadas às da instituição. Sua ligação com a PUC-Rio começou nas visitas ao tio-avô, um dos moradores remanescentes na Vila dos Diretores. Este conhecia o ex-Reitor Pe. Velloso S.J., que indicou Pain para uma vaga de contínuo na Reitoria. Sua formação era típica de muitos jovens da época: “Se você tivesse o ginásio completo e soubesse datilografar, estava formado”.

Contratado em 1966, ajudou na mudança da Reitoria do Solar Grandjean para a Ala Kennedy. Em 1969 serviu ao Exército, e ao voltar para a PUC-Rio foi trabalhar no Ciclo Básico do CCS, na organização de turmas, lançamento de notas e na preparação e impressão de apostilas e provas. Em 1985, foi para o Decanato do CCS, onde está até hoje.

Ao mesmo tempo em que gostava do trabalho em contato com os alunos, “na correria”, também desfrutava dos

momentos de lazer, das festas, compartilhados com os funcionários e professores: “Ia-se muito um na sala do outro, não havia e-mail. Batia-se um papo, tomava-se um café. Hoje eu ando os *pilotis* e, às vezes, não encontro nem um funcionário para uma conversa.” O futebol é um capítulo a parte: durante anos organizaram-se jogos no fim da tarde, havia até fila para jogar. Houve, inclusive, um time de futebol de campo, o Guarani, que enfrentava times no Estado do Rio e sul de Minas.

Pain lembra poucos momentos difíceis na Universidade: ainda jovem, escondia-se com outros funcionários na copa da Reitoria quando a polícia invadia o *campus* em busca de alunos considerados subversivos. Uma grande alegria é ter os dois filhos, Rodrigo e Renato, formados na PUC-Rio. Diz que “voltaria tudo outra vez”, e que vem trabalhar “por prazer, não por sacrifício; o trabalho é uma terapia para mim”.

■ CLÓVIS GORGÔNIO
E MIGUEL AZALDEGUI
NÚCLEO DE MEMÓRIA DA PUC-RIO

JORNAL DA PUC

Publicação quinzenal editada pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

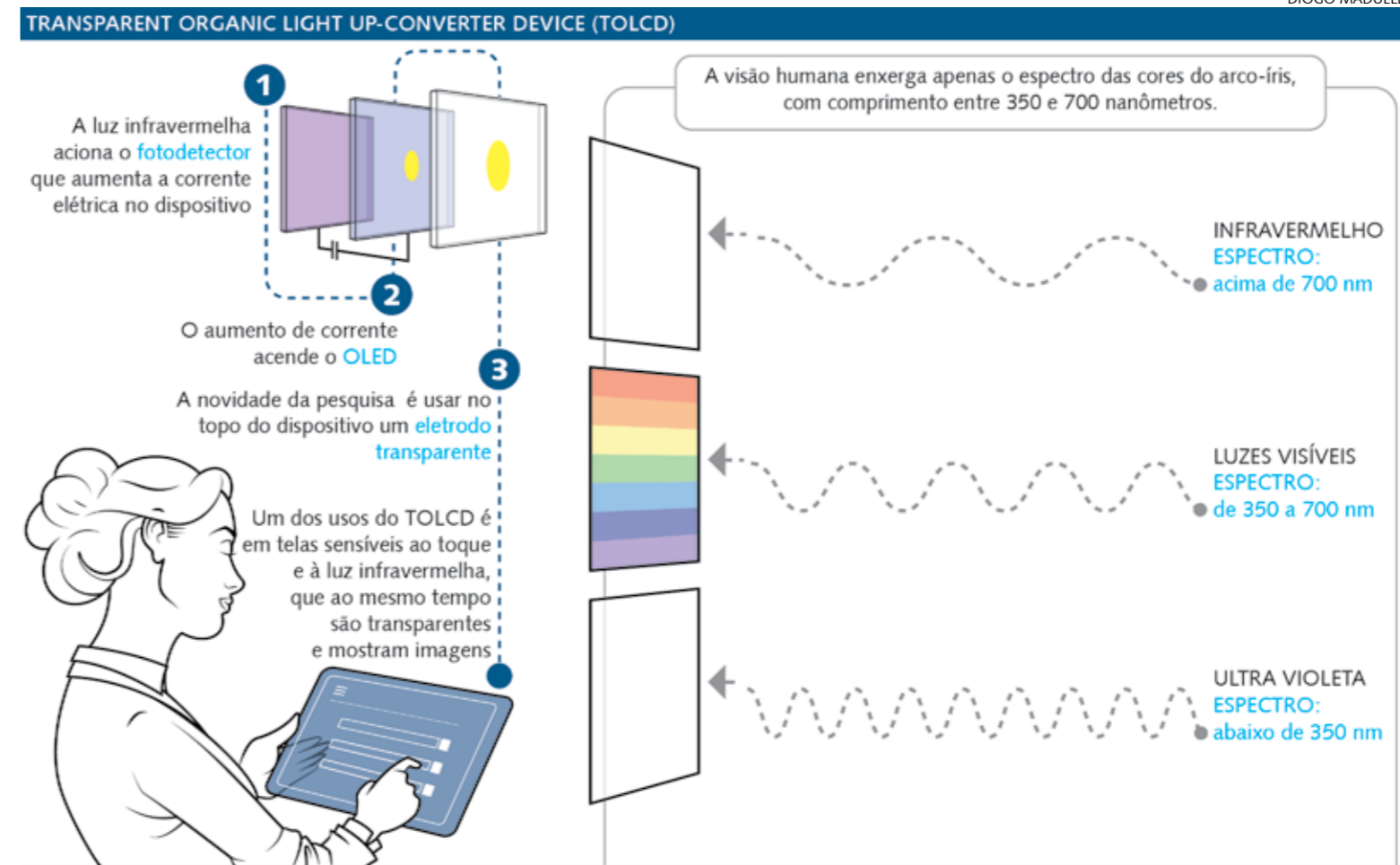
COMUNICAR - Vice-Reitor Comunitário: Prof. Augusto Sampaio. Coordenador-Geral: Prof. Cesar Romero Jacob. JORNAL DA PUC - Jornalista Responsável e Editora: Profª. Julia Cruz (MTE 19.374). Subeditora: Profª. Adriana Ferreira. Chefe de Reportagem: Profª. Rocélia Santos. Editores de Arte: Profª. Mariana Eiras e Prof. Diogo Maduell. Conselho Editorial: Professores Adriana Ferreira, Augusto Sampaio, Cesar Romero, Fernando Ferreira, Julia Cruz e Miguel Pereira. Anúncios produzidos pela Agência.Com. Coordenadora-Administrativa: Rita Luquini. Redação e Administração: Rua Marquês de S. Vicente, 225, 401-K, 22451-900, Gávea, RJ. Telefone: 3527-1140. E-mail: jornaldapuc@puc-rio.br. Impressão: gráfica Folha Dirigida.

Ciência: Doutorando em Física desenvolve dispositivo que torna a luz infravermelha perceptível

Espectro além do vermelho visível

Tese de Rian Aderne ganha segundo lugar em congresso

DIOGO MADUELL



GABRIEL FRANCO

Transformar luz infravermelha em luz visível. Este é o trabalho premiado, em segundo lugar, pela *International Union of Material Research Societies*, do aluno de doutorado em Física da PUC-Rio, Rian Aderne. O *Transparent Organic Light up-Converter Device* (TOLCD) consiste em um dispositivo que pode captar espectros acima de 750 nanômetros, e convertê-los em luz com comprimento de onda possível de ser captado pelo olho humano.

A aplicação prática do trabalho é de grande interesse no campo da Física. A tecnologia desenvolvida pode ser usada em visão noturna, em segurança e em telemetria. Esta última seria a utilização de um laser infravermelho que possa fazer

uma medição de comprimento entre duas paredes. Com um disparo de laser, seria possível determinar a medida exata entre dois pontos.

A visão humana é limitada. Conseguimos enxergar apenas da luz azul à luz vermelha. Dentro deste espectro - que compreende as cores do arco-íris - em medidas da Física, é assumido que o azul tem de 350 a 400 nanômetros, e o vermelho chega a 700. O nanômetro é uma subunidade que corresponde a 1×10^{-9} metro e é utilizada nesta medida de comprimentos de onda de luz. Fora isso, existem comprimentos maiores que 700 nanômetros e menores que 350. Aí encontram-se as luzes infravermelha e ultravioleta, respectivamente.

A luz infravermelha é conhecida pela sensação de aquecimento causada pelos raios

solares, e a ultravioleta é popularmente identificada por causar danos à pele, relacionada à preocupação com o UV da sol. O comprimento do infravermelho é longo, dividido em três unidades, infravermelho próximo, médio e longo. O trabalho de pesquisa de Aderne, que durou dois anos e meio, é sobre um dispositivo que pode captar e converter o infravermelho próximo, por volta de 830 nanômetros. Para isso, o aluno usou dois componentes. Um fotodetector gerador de cargas elétricas e um OLED, um diodo orgânico emissor de luz feito de moléculas de carbono condutoras de eletricidade, e já utilizado em telas de celulares como os da Samsung.

Inicialmente, sem a luz infravermelha, o dispositivo se encontra em *stand by*, ele está ligado (mas não aceso) e há pas-

sagem de corrente elétrica sobre ele. Quando a luz infravermelha incide sobre o dispositivo, esta luz é absorvida pelo fotodetector, gerando uma quantidade a mais de corrente elétrica no dispositivo. Este aumento de corrente que passa pelo dispositivo resulta no acendimento do OLED - explica Aderne.

Segundo o orientador da tese, professor Marco Cremona, do Departamento de Física, a grande novidade do projeto é fazer com que os dispositivos sejam transparentes.

Essa conversão já existia anteriormente, o que estamos fazendo é tornar o dispositivo transparente, queríamos fazer como os protótipos de telas, que ainda não são comerciais, que você pode ver através delas, mas quando tocar imagens aparecem. O dispositivo fica ligado (mas não aceso) e há pas-

tempo, quando chega infravermelho, ele acende - assinala.

O prêmio que Aderne ganhou foi dado em um encontro que ocorre anualmente no Brasil desde 2002. Neste ano, o congresso foi realizado em Campinas, São Paulo, de 25 a 29 de setembro. Nestes encontros, participam também membros das sociedades de pesquisa em materiais (Material Research Society) dos Estados Unidos (MRS) da Europa (E-MRS), do Japão (J-MRS) e da União Internacional de todas estas sociedades (International Union of Material Research Society, IU-MRS). O trabalho de pesquisa é uma parceria da PUC-Rio com a Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e o instituto Empa, da Suíça, sigla em alemão para Laboratórios Federais Suíços de Ciência e Tecnologia de Materiais.

A parceria nasceu com dois ex-alunos meus que hoje são professores de Física no departamento da UFJF (Cristiano Legnani e Welber Gi-

“Queríamos fazer como os protótipos de telas que você pode ver por elas”

Marco Cremona

nini Quirino) e que trabalham também na parte de Eletrônica Orgânica. Fizemos um projeto para a CAPES que foi aprovado há dois anos exatamente para esse tipo de dispositivos, conversores visível-infravermelho. No meio disso, houve um projeto aprovado com um grupo na Suíça especialista em células fotovoltaicas e painéis solares - explica o professor Marco Cremona.

Para o futuro, o aluno de doutorado pretende pesquisar materiais que possam ser mais eficientes na absorção de luz. O dispositivo atual permite captar frequências de 830 nanômetros, o objetivo é encontrar células orgânicas que absorvam acima de 1.500 nanômetros, uma região de infravermelho mais distante. Aderne pretende publicar o trabalho até o mês de dezembro deste ano.

Reconhecimento: Professor Carlos Lucena é eleito para ser membro titular da Academia Nacional de Engenharia

Trajetoária dedicada à inovação

Matemático participa do Programa Brasileiro de Desenvolvimento em iOS

CAMILA DE ARAUJO

O Coordenador do Laboratório de Engenharia de Software do Departamento de Informática, professor Carlos José Pereira de Lucena, foi eleito para o Quadro de Membros Titulares da Academia Nacional de Engenharia (ANE) e toma posse no dia 24 de novembro. A trajetória de Lucena está conectada à Universidade, onde operou o primeiro computador da América Latina, instalado no Edifício Cardeal Leme, na década de 1960, ainda como estagiário do Centro de Computação da Universidade. Atualmente, ele supervisiona o Programa Brasileiro de Desenvolvimento em iOS.

Professor Titular do Departamento de Informática, desde 1982, Lucena ingressou na PUC-Rio, em 1962, onde se formou em Matemática e Economia. Posteriormente, esteve à frente da área de Matemática Computacional e foi um dos fundadores do Departamento de Informática que, desde 1977, ocupa a primeira posição na avaliação da CAPES.

Em outubro, Lucena foi contemplado com o Prêmio de Destaque na Formação de Recursos Humanos de Excelência em Engenharia de Software, durante o Congresso Brasileiro de Software. De acordo com o professor, a nomeação para o Quadro de Membros Titulares da ANE foi recebida com entusiasmo, já que, segundo ele, a área em que atua no momento não é considerada tão tradicional quanto as outras habilitações da engenharia.

– Eu fiquei realmente muito satisfeito com a titulação. Sobretudo, porque com a minha formação, em matemática e computação, desenvolvi, eu diria, a engenharia virtual. O que não integra as áreas tradicionais como engenharia mecânica, civil e elétrica – diz.

O professor coordena alunos de diferentes cursos no Programa Brasileiro de Desenvolvimento de iOS, sediado na PUC. O projeto é composto por estudantes de Comunicação Social, Administração, Design,



Coordenador do Laboratório de Engenharia de Software é um dos criadores de Departamento de Informática



Professor Carlos Lucena, em maio de 1986, na aula. Desde 1965, ele integra corpo docente da Universidade

Computação, Engenharia, entre outras formações. Os alunos atuam como estagiários e realizam desafios a partir de problemas com aplicabilidade real.

– Nós realizamos um concurso interno aberto para alunos de graduação de todos os

departamentos. No último ano, 19 trabalhos voltados para medicina, desenvolvidos pelos estudantes, obtiveram sucesso. Hoje, o nosso foco é criar um dispositivo voltado para a adoção de crianças. Ou seja, passamos de uma questão técnica,

na medicina, para um trabalho de cunho social – observa.

Lucena lembra como foi participar do Centro de Computação da PUC-Rio como estagiário, ao lado de outros 15 colegas que operavam o que na época se chamava de Cérebro Eletrônico.

– Aquele era um computador enorme. Ele era utilizado para aplicações científicas feitas por garotos, com a orientação de um professor. Na graduação, virávamos a noite resolvendo problemas na máquina. Na PUC, somos pioneiros na área da computação – relembra o matemático.

Lucena afirma que um dos maiores prestígios da carreira

“É muito rico trabalhar com estudantes jovens e brilhantes”

Carlos José Pereira de Lucena

reside nos pupilos que formou.

– Meus alunos são as minhas “meninas dos olhos”. Este é o meu maior orgulho. Trabalhar na PUC ao lado deles é um prazer redobrado. É muito rico trabalhar com estudantes jovens e brilhantes.

Em 51 anos de vida na Universidade, o professor Carlos José Pereira de Lucena foi coordenador de Pós-Graduação, Diretor do Departamento de Informática, Decano do Centro Técnico Científico e Vice-Reitor, além de participar de todos os órgãos colegiados da instituição. Mestre pela Universidade de Waterloo, no Canadá, doutor pela Universidade da Califórnia of California at Los Angeles e com pós-doutorado pela IBM Research, Lucena é professor adjunto da Universidade de Waterloo e pesquisador do Fraunhofer Institute FIRST, de Berlim. Desde 2010, ele é presidente do Instituto Nacional de Ciências da Web e o primeiro brasileiro a receber o título de Fellow da Association for Computing Machinery, a mais graduada categoria da associação mundial de computadores.

Tecnologia: Game criado por alunos da Universidade para crianças com diabetes do tipo 1 será lançado em novembro

Um novo olhar para o diabetes infantil

Produzido na PUC-Rio, aplicativo trata a doença de forma lúdica



Mayara Mara



Ivee Mendes Marins



Giancarlo Cavalcante



Beatriz Magalhães

THAÍS SILVEIRA

Criar um projeto com significado social: esse era o propósito de cinco estudantes da PUC-Rio ao idealizarem um aplicativo para iOS, o Diapets, cujo lançamento será em novembro. De cursos diferentes, os alunos elaboraram o game para crianças de até quatro anos com diabetes do tipo 1. O objetivo é cuidar de um dragãozinho, o Flippy, que também tem a doença. As atividades envolvem alimentar o “tamagóchi”, medir a glicose dele a cada três horas e aplicar insulina. Ao receber a injeção, ele sente medo, mas enfrenta o problema e depois se sente melhor. Assim, o jogo ajuda a criança no processo de entendimento da doença e adaptação a ela.

O grande diferencial do Diapets é a linguagem do game e o público-alvo dele. A equipe alega que a maioria dos aplicativos para diabetes é destinada a adultos, em forma de gráficos e conceitos numéricos. Os que se destinam às crianças costumam ser educacionais, como jogos de perguntas e respostas, sem muita interação com os pequenos. Além disso, eles não propõem uma mudança na rotina das crianças durante a fase de adaptação.

Uma das integrantes da equipe, a estudante de Design de Mídia Digital Beatriz Magalhães assinala que é importante explorar o lado emocional das crianças, e até dos pais, que ficam abalados com a descoberta da doença.

– Descobri que tinha diabetes com 13 anos. No início, é difícil. O jogo é importante para que a criança não se sinta sozinha. A interface também é interessante para os pais, porque muitas vezes eles ficam mais apavorados do que os próprios filhos.

O dragãozinho funciona como um reflexo do usuário, e a intenção dos criadores é que

o cuidado com o Flippy volte para a criança. Se ele está com fome, está na hora de a criança comer também. É uma forma lúdica de conscientizá-las em uma fase tão sensível da vida. Beatriz explica que não há consequência negativa se a doença for controlada.

– As pessoas tratam o diabetes como um monstro, e isso é muito desgastante. A criança precisa conviver com a doença, mas dá para levar uma vida normal. Eu tenho diabetes e sou muito feliz. Quero ajudar outras pessoas a passar por isso também.

O Diapets foi concebido em um programa para formar desenvolvedores especialistas

“Não existe o mundo do programador e o mundo do designer”

Giancarlo Cavalcante

em iOS, o *Brazilian Education Program for iOS Development* (Bepid), uma colaboração do Laboratório de Engenharia de Software da Universidade com a Apple. Além de ensinar a criar um aplicativo, o Bepid também prepara os estudantes para um ambiente colaborativista e interdisciplinar. A metodologia adotada pela Apple valoriza o trabalho em equipe. Além de Beatriz, compõem o grupo do Diapets os estudantes de Sistema da Informação Giancarlo Cavalcante e Rodrigo Dezouzar e as alunas de Engenharia Química Mayara Mara e Ivee Mendes Marins.

Segundo os criadores do game, entender as linguagens de cursos diferentes é essencial. Para Cavalcante, não há uma divisão entre a programação e o design. Ele ressalta que olhares diferentes ajudam a solucionar os problemas do projeto.

– Não existe o mundo do programador e o mundo do designer. Muitas vezes, o código está certo, mas não funciona. Aí descobrimos juntos que era um detalhe na imagem. Na verdade, não somos programadores ou designers, somos desenvolvedores.

A equipe criadora do game foi a primeira turma do Bepid no Rio de Janeiro. A ideia do curso é que os estudantes aprendam enquanto realizam diversos projetos. Pode haver um direcionamento para áreas específicas, mas a parte de criação do aplicativo é livre. Além disso, tarefas são executadas ao longo do programa, que culminam em um desafio final, elaborado durante seis meses. Foi nessa fase que surgiu o Diapets.

Para Mayara, os exercícios ao longo do ano fazem os alunos trocarem de papéis. Ela afirma que essa característica do Bepid auxiliou muito o trabalho da equipe.

– Desde o início, todos tiveram que desenhar e programar. Olhando para trás, vemos que essa metodologia foi fundamental para nos tornarmos uma equipe colaborativa.

No site oficial do Diapets, é possível enviar uma mensagem para experimentar o jogo. O lançamento será dia 14 de novembro, Dia Mundial do Diabetes, após mais de um ano do início do projeto. Antes de começar a desenvolvê-lo, a equipe fez pesquisas por cerca de três meses para definir o conceito do game. Desde então, o design já mudou muito, mas o desafio permanece o mesmo: tornar a vida das crianças que lidam com o diabetes mais feliz.

ERICK FOTI E JULIANA VALENTE

Cinco pinturas muralistas, 1.500 latas de spray e 500 litros de tinta colore m prédios no Maracanã, Santo Cristo, Centro, na Praça da Bandeira e Lapa. Um dos maiores projetos de arte urbana da cidade, o Rio Esporte Arte tem a assinatura dos ex-alunos da PUC-Rio Bruno Big, João Nitcho, Mateu Velasco, Nicolau Mello e do estudante de Desenho Industrial da Universidade Thiago Tarm. Os cinco artistas confeccionaram murais com temática esportiva no período em que o Rio de Janeiro sediava a Rio 2016 que totalizam 1.700 metros quadrados. O Rio Esporte Arte também teve a participação do produtor cinematográfico Gabriel Durán.

O primeiro contato com Bruno Big estabeleceu com o grafite foi ainda durante a época em que cursava Comunica-

ção Visual, com *El Ninho Crew*, um grupo de amigos que se reuniam para pintar nas ruas e no Centro dos Representantes dos Alunos de Artes (CRAA). Atualmente, Big é assistente da professora Thereza Miranda, que ministra aula de gravura no Departamento de Artes e Design. Para ele, o grafite é uma necessidade do ser humano.

– Eu vejo o grafite como um efeito colateral da cidade. O homem sempre que pôde marcou o espaço em que esteve presente desde as pinturas rupestres nas cavernas até hoje. É o que eu penso do grafite, *street art*, pichação e todos os movimentos que vêm no mesmo barco. Eles se apoderam da rua, mas é mais uma necessidade de estar na rua criando.

Segundo Big, com a profissionalização da arte urbana surgiu o conceito de muralismo que, assinala, difere do grafite.

– O grafite é uma coisa que

não tem aprovação, é uma arte livre, já o mural precisa de autorização e contrato. O grafite é o ato de você ir à rua, pintar e se apoderar daquele espaço. Os dois são arte, mas com intenções diferentes. A gente muda o espaço público porque a rua nos permite criar e mostrar o nosso trabalho, o que é imprescindível hoje para um artista.

Segundo Nicolau Mello, o Rio Esporte Arte não pode ser considerado grafite por causa do investimento, do planejamento e da burocracia para a realização dos trabalhos.

– Fizemos um outro tipo de serviço que não é mais nem menos do que o grafite, apenas tem uma proposta diferente.

Após três anos de idealização, os organizadores conseguiram a aprovação da prefeitura para realizar os painéis. Os esportes representados nos murais foram definidos pelos

Efeito da COLATERAL cidade

A evolução das técnicas do grafite resultou em uma nova visão sobre a arte urbana

próprios pintores. O artista João Nitcho foi selecionado para homenagear as Paralimpíadas e optou pelo basquete em cadeira de rodas.

– Escolhi o basquete em cadeira de rodas pelo layout do prédio, que tem um vão grande entre suas duas faces, o que criou um problema por não poder fazer um desenho contínuo. Pesquisei muito por fotografia e me interessei pela plasticidade dos movimentos.

Os traços que marcam os grafites e os murais são influenciados pelo gosto estético e a história pessoal dos artistas de rua. O diretor do projeto, Nicolau Mello, possui um estilo de arte que utiliza a massa de cor sólida, com bastante contraste, movimento de cores e nuances.

– O abstrato está sempre muito presente nos meus desenhos, mas não pude utilizá-lo no projeto para facilitar o entendimento dos admiradores. Estou testando produzir sem linhas, usando apenas a relação de contraste entre as cores com bastante trabalho de nuance, movimento e tom.

Capas de disco, pôsteres de shows e carros de som compõem o portfólio do artista João Nitcho. O pintor, que fez parte de uma das primeiras gerações do grafite no Rio de Ja-

neiro, pensa em se voltar para o mercado da pintura muralista. Formado em 2006, Nitcho afirma que as técnicas aprendidas na Universidade foram fundamentais para ele descobrir a sua marca no grafite.

– O curso de Design me ajudou a projetar a minha forma de pintar, as minhas pinturas, como conceituar as coisas. Foi interessante e me abriu muito a cabeça.

Conhecido como Tarm, o

estudante de Desenho Industrial Thiago Molon se considera um pintor pouco gráfico e diz que, com os trabalhos, não visa a apenas o embelezamento do espaço urbano. Para ele, o muro e a tinta são as suas melhores formas de expressão.

– Gosto de usar o espaço urbano para me expressar. O grafite foi uma forma que eu conheci, me apaixonei, faço e farei até quando der.

Mural feito por Bruno Big e Nicolau Mello no Parque Jardim Botânico



ARQUIVO PESSOAL



ARQUIVO THIAGO MOLON

Thiago Tarm durante a pintura de um mural na Escola Sesc, na Barra

Grafite feito por João Nitcho no Colégio de Aplicação da UFRJ (CAP)



ARQUIVO JOÃO NITCHO

Mural feito pelo artista Nicolau Mello no Complexo do Alemão



ARQUIVO PESSOAL

ELISSA TAUBLIB

Intercâmbio: Estudantes compartilham memórias e aprendizados de estudos feitos no exterior

Uma experiência transformadora

Alunos afirmam que morar fora amplia visão de mundo

Descrita por estudantes como uma experiência transformadora, o intercâmbio acadêmico pode significar em muitos casos, um diferencial no currículo. A viagem e o estudo em um outro país proporciona ao aluno uma mente globalizada e uma oportunidade de explorar outras áreas de interesse. Fora da zona de conforto, o intercambista cresce tanto do ponto de vista intelectual quanto pessoal.

Para o vice-diretor da Coordenação Central de Cooperação Internacional (CCCI), Ricardo Alencar, o estudante aprende a procurar soluções não lineares – o famoso “think out of the box”. Aluna de Jornalismo, Alessandra Monnerat, que estudou na Universidade de Texas (EUA), recomenda que o jovem no exterior não faça amizades só com brasileiros.

– É muito reconfortante ter pessoas que estão passando pelo mesmo que você, mas se esforça para sair da sua zona de conforto e com certeza vai achar coisas familiares em situações e pessoas totalmente estrangeiras.

Na universidade americana, Alessandra fez cursos relacionados a América Latina, jornalismo investigativo, direitos humanos e música. Ela aponta a importância das atividades extracurriculares no intercâmbio: era designer no jornal da universidade, *The Daily Texan*. Destaca ainda o trabalho como DJ na rádio estudantil KVRX e no centro de pesquisa Knight Center for Journalism in the Americas.

– Esse semestre mudou completamente minha perspectiva sobre o jornalismo e minha carreira. Aprendi que quero ajudar as pessoas com minha profissão e que posso ser criativa nas minhas escolhas, mesmo dentro do dia a dia de uma redação. Basicamente, aprendi a pensar fora da caixinha – explica Alessandra.

Aluno de administração, Pedro Henrique Sarvat reforça a liberdade na escolha de disciplinas cursadas no intercâmbio em Sciences Po (França). Ele defende que isso o permitiu estudar matérias como sociologia e educação. Essa interdisciplinaridade, segundo Pedro, complementou a visão dele como aluno de administração. Para Sarvat, o contato com alunos e professores de diferentes nacionalidades foi um dos pontos mais marcantes da viagem.

– O intercâmbio te abre a



A qualidade das instalações das Universidades, como a Brotherton Library, são destacadas por intercambistas



Alessandra no trabalho como DJ na rádio estudantil KVRX, no Texas

ras de ensino. Ele aprende novas culturas, pode trazer para cá algo que ele não tenha na PUC, ou que não seja ensinado com a mesma profundidade.

Aluno de Engenharia de Produção e atualmente estudante na Universidade de Leeds (Inglaterra), Breno Rodrigues Lobato considera que o intercâmbio desenvolve o jovem como pessoa e como profissional. Ele considera que, ao viver fora de seu país, o estudante passa por situações e dificuldades que o fortalecem e o preparam para o mercado competitivo de trabalho.

– Você é obrigado a lidar sozinho com desafios que eventualmente surgem. Isso desenvolve a capacidade de proatividade, comunicação e solução de problemas, características importantes para um futuro profissional – diz.

Estudante de Economia, João Mourão afirma que acumulou uma bagagem cultural grande ao fazer intercâmbio em Sciences Po. Para ele, a viagem é uma oportunidade de conhecer diferentes culturas, por meio de visitas a museus e cidades históricas.

– Recomendando bastante. A PUC tem parcerias com universidades excelentes academicamente e locais ótimos para morar. Como dica, pesquisar bem antes de ir e conhecer as opções oferecidas.

Apesar de sentir falta do açaí brasileiro, o aluno de Jornalismo Sergio Schargel revela que, se pudesse, ficaria na Holanda para sempre. Após seis meses na universidade técnica Hanzhoo-school, Sergio conta que se acostumou a pensar em inglês. Ele relata que tinha medo do tédio em Gronigen, onde moram cerca de 200 mil habitantes.

– Estava enganado, a cidade (Gronigen) é extremamente viva, tem festivais e festas o tempo todo. Ela não para, por ser uma cidade de estudantes.

cabeça e te mostra não só as qualidades que o aluno brasileiro carrega consigo, como o quanto é possível aprender com as qualidades dos outros alunos – afirma.

De acordo com o vice-diretor da CCCI, a interdisciplinaridade é uma das maiores vantagens de estudar no exterior. Segundo ele, o intercâmbio é uma oportunidade de o aluno se aprofundar em assuntos que o interessem, para que possa ter uma formação mais sólida.

– É uma possibilidade que o aluno tem de perceber novos horizontes e diferentes manei-

Lançamento: Pesquisa de pós-graduação usa como base romance realista francês do século XIX, ‘O Paraíso das Damas’

Émile Zola e o consumo nos grandes magazines

Professor Everardo Rocha, do Departamento de Comunicação, lança livro

JULIA NOVAES

Também chamadas de grandes magazines, as lojas de departamento surgiram na Europa, no século XIX, e fundaram paradigmas de consumo que permanecem até hoje. *O Paraíso do Consumo* – Émile Zola, *a magia e os grandes magazines* (Editora PUC-Rio e a Mauad X) é um livro que investiga o papel desses estabelecimentos comerciais na consolidação do consumo na modernidade e avança na investigação da história do fenômeno, ainda pouco explorada.

Escrita a seis mãos, como os autores fazem questão de ressaltar – o professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social Everardo Rocha e doutorandos em comunicação Marina Frid e William Corbo –, a obra usa como texto-base *O Paraíso das Damas*, de 1883, do realista francês Émile Zola.

No romance, cuja trama principal se passa em uma loja de departamento homônima, o fenômeno dos grandes magazines foi descrito minuciosa-

mente. Segundo Marina Frid, Zola, fundador do estilo naturalista, defendia que a literatura deveria ser fruto de intensa pesquisa e retratar a realidade nos mínimos detalhes. Por isso, os cadernos de anotações e desenhos resultantes da pesquisa do escritor também serviram de fonte para os autores.

– *O Paraíso das Damas* é um retrato muito rico, com número de vendas, de funcionários, quanto eles ganhavam por venda, como dormiam e se vestiam, o que faziam no tempo livre.

O Paraíso do Consumo mostra aspectos ainda presentes na contemporaneidade. A relação entre consumo e mulher, por exemplo, surgiu com esses estabelecimentos, pensados para seduzir a compradora. Segundo Marina, fato que apresentou novas oportunidades para dois grupos de mulheres: as consumidoras, burguesas que por lá podiam transitar sem os maridos; e as vendedoras, moças de camadas pobres que experimentaram certa ascensão social.

– Elas adquiriram os hábitos e valores das burguesas – passaram a querer jantar fora, ir ao teatro, passear em parques, e a dominar os códigos culturais, as formas de se vestir, se maquiagem, se pentear.

Apesar de receberem salários maiores, essas moças viviam em condições muito próximas às dos operários e

quinas, esteiras, produtos recebidos, despachados e etiquetados. Por isso, as lojas eram espaços magnificamente grandes.

Dentro das lojas de departamentos, a relação entre produção e consumo foi aproximada e intensificada. De acordo com William Corbo, elas foram centrais para o desenvolvimento econômico da época.

– As ciências sociais sempre analisaram o mundo a partir da produção. Hoje, autores pioneiros começam a mostrar que é impossível entender o capitalismo só por esse lado. O sistema precisa também do consumo para funcionar.

Zola comparou os grandes magazines a “catedrais do comércio”, “templos do consumo”, termos ainda usados que atribuem aos estabelecimentos um caráter sagrado. Segundo Rocha, com essas lojas, o espaço de compra e venda se tornou um lugar mágico e de comunicação – deslocado do tempo e do mundo exterior, pensado para induzir ao consumo.

– Lá dentro há uma temporalidade diferente, o tempo não

“
Lá dentro
há uma
temporalidade
diferente
”

Everardo Rocha

mineiros. O professor Everardo Rocha relata que a parte não visível ao público, denominada por Zola o lado “monstro” do grande magazine, era semelhante ao ambiente fabril.

– As vendedoras viviam e dormiam lá dentro. Havia má-

LOUVADO SEJA
QUEM ACEITA O DIFERENTE
SEM ESTRANHEZA.

A vida merece ser louvada.
Casa comum, todo cuidado é pouco.



Alimentação: Em redes sociais, alunos mostram que comida vegetariana é muito saborosa

Estudantes criam Coletivo Veggie

Comunidade divulga e promove o estilo de vida vegano

ELISSA TAUBLIB

Deixar de comer carne ou produtos de origem animal, provar receitas inusitadas. Questões que fazem parte do dia a dia de quem quer adotar um outro estilo de vida a partir da alimentação. Para tentar responder estas e outras indagações, um grupo de alunos de Relações Internacionais criou, em abril deste ano, o Coletivo Vegano e Vegetariano. Com página e grupo no Facebook e WhatsApp, a comunidade tem o objetivo de desmitificar o que é ser vegano, e mostrar como é mais fácil do que a maioria julga ser.

Idealizador do projeto, Pedro Henrique Bedim considera que a comunidade funciona como um grupo de apoio. Segundo ele, uma das propostas do Coletivo é aumentar o número de opções de comida para os veganos e vegetarianos no campus. Os primeiros não consomem nada que tenha origem animal. Já os vegetarianos não se alimentam de qualquer tipo de carne.

Ele destaca o papel da plataforma na divulgação de comidas veganas produzidas por alunos e ex-alunos da PUC. Observa, ainda, que tabus e piadas são obstáculos para quem está na transição para mudar a dieta.

– O Coletivo Veggie me ajudou a lembrar cotidianamente os motivos de não comer mais carne e produtos de origem animal. No início do vegetarianismo, você tem que se lembrar sempre do porquê de estar fazendo isso e, com o tempo, fica natural; os conhecidos param com as piadinhas.

A estudante Amanda Abreu afirma que todos são bem-vindos para participar do grupo, inclusive os não vegetarianos. Ela explica que a meta é ser uma plataforma de ajuda, com dicas de substituição alimen-



Lanche alternativo: pizza vegana de pasta de manjericão, cogumelo, tomate e catupiry de castanha de caju



Trufas sem lactose, de chocolate amargo, cacau, amêndoas e tâmaras

tar e produtos de higiene não testados em animais, além de contatos de nutricionistas que podem auxiliar nessa mudança de hábito alimentar.

– Achava a alimentação dos vegetarianos e veganos limitada na Universidade. Com o coletivo, descobri o “pandinhas”, barraquinha que vende salgado vegano. Tiramos dúvidas sobre dietas vegetarianas ou veganas,

compartilhamos receitas, atividades e páginas – relata.

Também integrante do Coletivo, Laura Cruz diz que muitas pessoas têm uma visão limitada sobre o assunto, como a ideia de que os veganos são radicais. Ela ressalta a presença dos não vegetarianos na página do Coletivo.

– Antes de virar vegetariana, já demonstrava interesse,

“vegano é sem gosto”, diminuído. Isabel acrescenta que a maioria das receitas são criadas por ela. A aluna enfatiza que a maioria dos consumidores não é vegetariana, e muitos são intolerantes à lactose. Para ela, o consumo de derivados de animais é cultural, o que torna comum a resistência aos alimentos veganos.

– Me sentia ovelha negra na PUC, e, com o Coletivo, vi a quantidade de pessoas que também seguem esses princípios ou que querem e fazem o esforço para segui-los. Muito linda essa comunidade.

Yasmin do Carmo é ovo-lacto-vegetariana há oito meses – não consome qualquer tipo de carne – e não utiliza produtos testados em animais. Ela explica que pretende se tornar vegana, e que o grupo a incentiva nessa transição. Segundo a estudante, a página mostra que vegetarianismo não consiste em uma dieta alimentar baseada só em saladas, e que o veganismo cada vez mais ganha voz e respeito.

– Acho que pessoas não-vegetarianas interessadas são um grande incentivo. É bom saber que o Coletivo está influenciando pessoas a talvez mudarem o estilo de vida.

Bedim aponta para o fato de a publicação mais curtida e compartilhada do Coletivo ter sido a divulgação da venda de salgados veganos na “barraca da Tia Denise”, quiosque do polo gastronômico da PUC. Denise Martins começou a vender salgados veganos este semestre, e as receitas fazem sucesso.

– Vendo coxinha de jaca, kibe com tofu, tortinha de alho poró ou tomate seco. Tem muito vegetariano que vem comprar, mas até quem não é vegano come a famosa coxinha de jaca, as pessoas ficam curiosas.

O idealizador do Coletivo diz que a recepção tem sido boa, mas o grupo ainda não é institucionalizado com a Universidade. Bedim acredita ser necessário, como meta, abrir um canal de diálogo com o Bandeirão e outros restaurantes e lanchonetes da PUC em busca de mais opções veganas.

– Gostaríamos muito de promover seminários sobre questões como direito dos animais e justiça social. Seria interessante levarmos alunos para hortas urbanas, ensinar técnicas de plantio e, quem sabe, de confecção de cosméticos veganos. Até onde eu sei, o céu é o limite.

“O Coletivo me ajudou a lembrar os motivos de não comer mais carne”

Pedro Henrique Bedim

curtia no Facebook páginas vegetarianas. É o caso de muitos que seguem nossa página.

Cardápio variado

Brownies, trufas e tiramisú: esses são alguns dos lanches veganos produzidos e vendidos pela aluna de psicologia Isabel Litsek. Ela conta que a demanda por esse tipo de alimento tem crescido, e a crença de que

Superação: Atletas que participaram da Rio 2016 contam como é conciliar a rotina de treinos e o dia a dia acadêmico

Da sala de aula para a água

Kahena, Thomaz e Maria Clara realizaram o sonho de competir nos Jogos

ANA CAROLINA SALVADOR

Da Universidade para os Jogos Rio 2016. Duas alunas e um ex-aluno participaram da Olimpíada e Paralimpíada e contam como é a experiência de dedicar a vida ao esporte. Por influência da família, Kahena Kunze, Thomaz Matera, e Maria Clara Lobo começaram a praticar vela, natação e nado sincronizado, respectivamente. Desde então, eles não conseguem mais se ver longe da água e treinam pelo menos oito horas por dia.

A velejadora Kahena Kunze, 25 anos, estudante de engenharia ambiental, ganhou uma medalha de ouro na modalidade de estreia olímpica de regata, classe 49er Fx. Ela diz que não se deixou levar pela pressão de competir em casa e tomou cuidados especiais para participar dos jogos.

– Tentei pensar em um dia após o outro, em cada regata e manobra, e dar o melhor de mim na água. Nós sabíamos que quem menos errasse e fizesse uma boa média iria subir no pódio.

A rotina de treinos é bem flexível para a atleta, já que o esporte depende muito do vento. A jovem treina cinco vezes por semana. Na água, são três horas para fazer manobras, treinar velocidade e fazer teste de materiais. Em terra, ela faz musculação com ou sem exercício aeróbico, além de outras atividades para prevenir lesões.

Por influência dos pais, que sempre praticaram vela, Kahena tomou contato com o mar desde cedo, e fez do hobby, uma paixão. Velejadora desde os 9 anos, a esportista sempre quis participar de uma Olimpíada e, quando surgiu a possibilidade, não pensou duas vezes. Mas, relembra, o início foi difícil, e não conseguiu conciliar o treino com os estudos.

– No começo, tive que trancar a faculdade e ir em busca de patrocinadores. Eu chegava exausta dos treinos, mas com a sensação de que estávamos no caminho certo. Eu e minha parceira, Martine Grael, con-



Kahena Kunze e parceira, Martine Grael, vibram com o ouro na vela



Maria Clara ganhou ouro em várias modalidades do nado sincronizado nas quatro edições do Sul-Americano

seguimos o apoio de patrocinadores e do Comitê Olímpico do Brasil para que não nos preocupássemos com mais nada além do treino.

Ex-aluno de engenharia de produção Thomaz Matera, 27 anos, participou da Paralimpíada Rio 2016 nas classes S12 e S13 (para deficientes visuais) de natação masculina. Ele tem apenas 60% da visão, em consequência de uma retinose pigmentar, doença que causa degeneração gradativa da retina. Atual recordeista brasileiro nos 100m livre na classe S12, Matera voltou a

nadar no começo deste ano para competir nos Jogos.

Para se dedicar ao curso, o nadador interrompeu os treinos aos 20 anos, mas desde os 11 praticava o esporte por incentivo da família. Nessa década e meia de competições, o atleta conquistou quase 140 medalhas pela natação convencional e outras 20 em disputas nas classes para deficientes visuais. Diante do esforço de treinar nove horas por dia, ele qualifica o resultado como muito positivo.

– Foi um prazer representar o país em um esporte que gosto.

Aluna do primeiro período de publicidade, Maria Clara Lobo, 18 anos, foi a atleta mais nova da seleção de nado sincronizado. A caçula do grupo participou da estreia do Brasil na categoria em equipe, formada por oito pessoas.

Para a Rio 2016, a Seleção Brasileira de nado sincronizado começou a se preparar com três anos de antecedência. Maria Clara praticava oito horas diárias, de segunda a sábado. Há preparação fora d'água como musculação e exercício aeróbico. Já dentro d'água, existe hora para ensaiar as coreografias, treinar movimentos específicos e praticar natação.

Além da rotina pesada, a atleta também conta que a alimentação é muito rígida, não só para manter o corpo forte nos treinamentos, mas por uma questão estética que o nado sincronizado exige. Para ela, ter o público brasileiro vibrando foi fundamental para o sucesso das apresentações.

– Uma Olimpíada é a maior realização de qualquer atleta, ainda mais dentro de casa, com a torcida a seu favor! Eu olhava para a arquibancada e só tinha vontade de chorar, foi uma emoção incrível.

A atleta é a terceira geração da família no nado sincronizado. Além da mãe, a avó também foi esportista na modalidade. Aos 9 anos, Maria Clara se apaixonou pelo esporte quando a avó, por ser árbitra internacional, a levou para assistir a competições na borda da piscina.

“Eu olhava para a arquibancada e só tinha vontade de chorar”

Maria Clara Lobo

SATIRO SODRE/ESPRESSO

Fotografia: Mostra Memória em Imagens é composta por 30 fotos de acervo do Núcleo de Memória da instituição

Cliques que revelam o campus

Exposição reúne cinco décadas da história e do cotidiano da Universidade

CAMILA DE ARAUJO

O Núcleo de Memória comemora uma década de fundação em acordo com a filosofia que propõe: compartilhar com alunos, professores e funcionários registros de parte da história da PUC. E ainda celebra os 50 anos de trabalho do fotógrafo Antônio Albuquerque na instituição. Albuquerque, de 68 anos, hoje integra a equipe do Núcleo de Memória e, durante a vivência na Universidade, se acostumou a captar, com um olhar sensível, a rotina e os personagens.

São 30 imagens, que compõem o acervo do Núcleo. É possível admirar uma panorâmica dos pilotis, da flora e fauna e cenas de estudantes em espaços comuns. Há cliques que revelam cenários que hoje só podem ser encontrados em fotografias, como a antiga concha acústica e o Salão de Vidro, no Edifício Cardeal Leme.

Com o apoio da Vice-Reitoria Acadêmica e da Vice-Reitoria Comunitária, a exposição de fotos Memória em Imagens fica até o dia 25 de novembro no bosque da Universidade.

O cientista Albert Sabin em entrevista para a assessoria de imprensa da PUC-Rio. Na ocasião, Sabin era aluno do curso de Português para Estrangeiros da Universidade (1979)



ANTÔNIO ALBUQUERQUE



Funcionários da PUC no Salão de Vidro - Assembleia (1985)

ANTÔNIO ALBUQUERQUE

Banda do Corpo de Bombeiros na antiga concha acústica (1978)



ANTÔNIO ALBUQUERQUE



Pilotis do Edifício Cardeal Leme inundado após chuva (1980)

ANTÔNIO ALBUQUERQUE

Antônio Albuquerque na abertura da exposição Memória em Imagens



GABRIEL MOLON